

ENTIDADE MÉDICA

Simers comemora 90 anos de atuação

Sindicato Médico do Rio Grande do Sul tem mais de 15 mil associados em todo o território gaúcho

Cristine Pires

cristine.pires@jornaldocomercio.com.br

No início da década de 1930, a falta de regulamentação da profissão de médico permitia que pessoas que se declarassem atuantes na Medicina fossem reconhecidas como tal. A desvalorização e os problemas decorrentes da inexistência de normas levaram os profissionais a se mobilizarem e, em 20 de maio de 1931, nasceu o Sindicato Médico do Rio Grande do Sul (Simers).

Àquela época, a primeira conquista da instituição sindical foi garantir o exercício da Medicina apenas por profissionais habilitados, o que ficou regulamentado por decreto em 11 de janeiro de 1932. “Conseguimos a determinação de que os médicos que viessem do exterior precisassem passar por uma prova de conhecimentos, chamada Revalida. Passadas nove décadas, o mesmo tema voltou à tona porque a regulamentação da profissão sempre foi um tema difícil e que envolve muitos interesses”, afirma o presidente do Simers, Marcelo Matias.

Considerado hoje o maior sindicato médico da América Latina, o Simers oferece plantão 24h por dia para atender seus mais de 15 mil associados de todo o Estado, sejam estudantes de Medicina, médicos residentes ou profissionais experientes. O médico pode acionar os serviços a qualquer momento e terá à disposição assessorias política, jurídica e de comunicação.

A entidade também descentralizou a prestação de serviços. A atual gestão conseguiu implementar 34 delegacias no Interior, atuando diretamente em 111 municípios gaúchos, contando com o médico delegado, advogado, jornalista e assessor jurídico, equipe formada para dar o melhor atendimento possíveis aos associados e estabelecer a comunicação com a categoria e a sociedade em cada uma dessas localidades.

“Antigamente, o Simers ‘morava’ em Porto Alegre e recebia as demandas do Interior. Agora, o sindicato tem casas no Interior também”, comemora Matias, ao enfatizar a importância de o sindicato estar próximo de estudantes e profissionais para prestar o auxílio necessário de acordo com cada realidade. “Temos muito orgulho deste trabalho, que foi feito a muitas mãos”, completa o presidente, referindo-se à atuação de gestões anteriores do Simers.

Outro avanço, conta o dirigente, diz respeito à formação dos núcleos de especialidades (Acadêmico, Combate ao Exercício Ilegal da Medicina, Combate à Precarização do Trabalho Médico, Médico Jovem, Obstetria e Psiquiatria).

Os profissionais também contam com serviços jurídicos caso necessite em qualquer instância – cível ou penal – que envolva a atuação de médico. “Nenhum profissional está livre de sofrer processo e, aqui, os associados sabem que não terão custos com isso. É como se fosse um seguro”, exemplifica Matias, enfatizando que todas as filiações são espontâneas e dão condições ao sindicato de ampliar a gama de alternativas criadas para contemplar as demandas da categoria cada vez mais e melhor.

Muitas das situações sobre falta de estrutura de trabalho que vieram à tona sobre a rotina dos médicos em hospitais em função da disseminação da Covid-19 não são novidade para o Simers e categoria. “A pandemia desnudou uma realidade que surpreendeu a sociedade, mas que, infelizmente, é nossa velha conhecida e foco da luta contra a precarização do trabalho”, destaca Matias.

O dirigente explica que havia uma falsa sensação de que o Sistema Único de Saúde (SUS) estava pronto e que era só fazer uso dele, mas que, na verdade, ele carece de muitos recursos para ter o funcionamento adequado. Foi o que aconteceu com a falta de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) para profissionais de saúde, que sequer tinham máscaras adequadas no início da pandemia, assim como de equipamentos essenciais, como respiradores, oxigênio e kits de entubação.



Marcelo Matias cita a proximidade com estudantes e profissionais

“O SUS é fundamental para a população e isso ficou mais do que evidente em função do novo coronavírus”, completa Matias, ao destacar que o Simers participa da luta para que o SUS tenha o financiamento adequado e que os profissionais possam atuar de forma segura, com os EPIs adequados. “Espero que tenhamos aprendido lição.”

Foi o sindicato, aliás, que liderou a luta pela inclusão de todos os médicos como profissionais prioritários para aplicação da vacina contra a Covid-19. Em um primeiro momento, a decisão do governo federal foi de que apenas os médicos que estavam na linha de frente, atendendo pacientes contaminados ou com suspeita de contaminação pelo novo coronavírus estivessem entre os primeiros na fila de imunização.

No entanto, profissionais de outras áreas, como os que atuam em consultórios médicos, corriam o mesmo risco ao estarem frente a frente com os pacientes

e suscetíveis à contaminação da mesma forma. “Com um trabalho quase individual, com as secretarias de Saúde dos municípios gaúchos, fomos negociando para inverter esta situação de forma pontual, até que se encontrasse a solução macro, o que acabou acontecendo mais tarde”, ressalta o vice-presidente do Simers, Marcos Rovinski.

Mas a luta não se encerrou por aí. Recentemente, o sindicato também precisou atuar em várias frentes para que os médicos recebessem a terceira dose de reforço contra a Covid. “A categoria médica nunca se omitiu durante o combate à pandemia. Muitos ficaram doentes, outros morreram, e alguns ainda estão em recuperação, porque a doença deixa sequelas importantes. Mesmo assim, a categoria não abriu mão da prerrogativa de atender seus pacientes”, afirma Rovinski, ao esclarecer que o impacto também foi financeiro, com redução drástica da procura por atendimento em consultórios.

Associação Médica do Rio Grande do Sul completa 70 anos no dia 27 de outubro

Para celebrar a data, Amrigrs promove uma série de atividades; entidade fará homenagem a médicos

Adriana Lampert

adriana@jornaldocomercio.com.br

No mês em que completa sete décadas de representatividade dos profissionais do setor, a Associação Médica do Rio Grande do Sul (Amrigrs) realiza uma série de festividades.

O aniversário de 70 anos da entidade é no dia 27 de outubro, quando a Assembleia Legislativa irá agraciar a Amrigrs com a Medalha da 55ª Legislatura. Outra homenagem ocorreu no dia 14, quinta-feira, na Câmara Municipal de Canoas.

No sábado, conselheiros, representantes seccionais e associados participaram de um jantar, em que foram divulgados os vencedores do Prêmio Amrigrs de Jornalismo. No mesmo dia, ocorreu o III Congresso do Departamento Universitário da entidade, com o objetivo de auxiliar acadêmicos

e provocar reflexões nos futuros médicos sobre diversas áreas.

No dia 24 de outubro, às 10h, ocorre um ato religioso na Catedral Metropolitana de Porto Alegre. “A missa deve homenagear os médicos que se infectaram e os que morreram por conta do novo coronavírus durante o enfrentamento da Covid-19 no Estado”, destaca o presidente da Amrigrs, Gerson Junqueira Jr.

Segundo ele, outra iniciativa será a inauguração, em novembro, do Memorial da Gratidão - monumento em bronze de autoria do escultor e cirurgião plástico, Paulo Favalli. De acordo com Junqueira Jr, a obra é uma homenagem aos médicos que morreram durante o enfrentamento da doença, e deve ficar exposta permanentemente na sede da Associação Médica.

Lembrando que um dos objetivos da entidade é a “expansão do conhecimento e das boas práticas tendo a ciência médica como o principal pilar”, o presidente da Amrigrs diz que o cooperativismo é outra base da Associação. “Juntos, somos mais fortes, e temos mais poder e voz”, declara.



Junqueira Jr. lembra os médicos que morreram no combate à Covid

“Nossos tópicos também são a defesa profissional na educação médica”, sublinha Junqueira Jr.

No que se refere ao enfrentamento da pandemia de Covid-19, Junqueira Jr. observa que a área enfrentou muitos momentos difíceis, com o advento de um vírus desconhecido, mais de uma onda da doença, sendo que a terceira onda (em março e abril de 2021)

ainda gerou esgotamento de leitos de UTI, contingenciamento de leitos e superlotação de hospitais, entre outros problemas, com profissionais dobrando de horário de trabalho, e alguns inclusive sofrendo com síndrome de burnout.

“Ainda assim, médicos e outros profissionais de Saúde se mantiveram firmes e fortes. Teve muita dor e

sofrimento, muitas pessoas morreram, muitos (infectados) ficaram com sequelas pós-Covid (respiratórias, renais, cardíacas, neurológicas e psicológicas)”, destaca o presidente da Amrigrs.

Na visão do dirigente, “a saúde mental de quem teve a doença ‘é um problema’ a ser enfrentado pelos brasileiros. “Eu entendo que a população, ao longo destes (mais de 18) meses, percebeu melhor a importância dos médicos - e dos demais profissionais de saúde - na sociedade. Tanto que recebemos muitas homenagens, como palmas nas janelas, o que foi bem tocante.”

O presidente da Amrigrs pondera que “agora surge outro desafio”, que é o represamento de outras patologias que não foram diagnosticadas ou tratadas no período mais grave da pandemia. “São inúmeros pacientes com casos de hipertensão, diabetes, câncer, que precisam de cirurgias e de exames. Precisamos resolver esse grande contingente de pessoas com doenças a serem combatidas daqui para frente. Há uma demanda reprimida muito grande.”